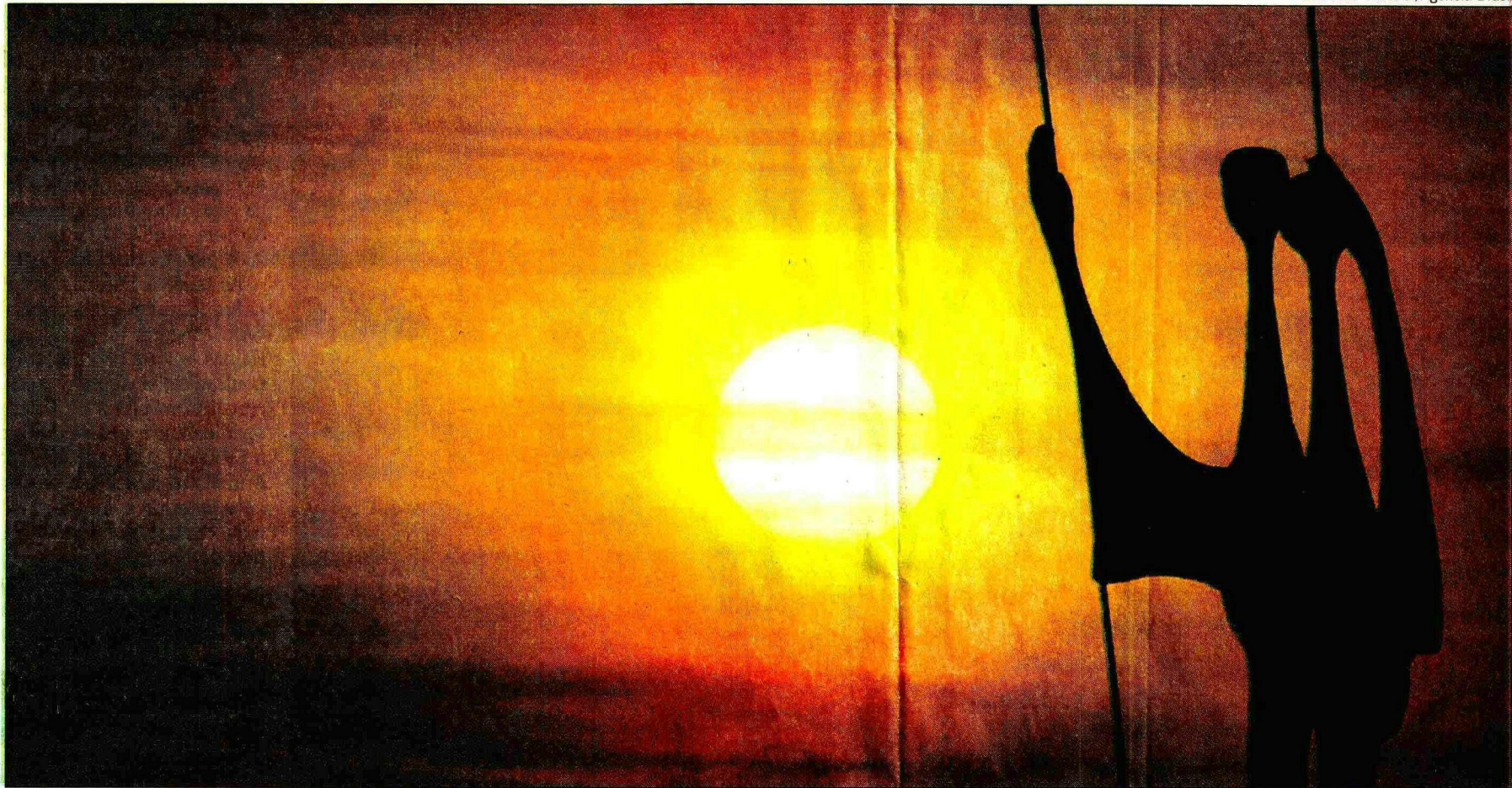


CIÊNCIA

Marcello Casal Jr/Agência Brasil



CAPITAL SECA: há 96 dias sem chuva, Brasília está em uma grande região do país que sofre com a reta final da estação de estiagem — cuja duração aumentará nas próximas décadas

Deserto brasileiro

Cidades do centro do país têm umidade menor que a do Saara

Renato Grandelle

renato.grandelle@oglobo.com.br

Próxima de seu fim, a estação de seca no centro do país registra novos recordes. Ontem, Brasília completou 96 dias sem chuva. E diversas cidades registraram umidade relativa do ar de apenas 10%, como Palmas (TO) e Bom Jesus do Lapa (BA). Trata-se de um índice semelhante ao visto no Deserto do Saara, onde a umidade não passa de 15%.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, cidades com percentuais tão baixos, considerados estado de alerta máximo, devem suspender aulas e trabalho externo no horário de pico do sol. Mesmo a caminhada ao ar livre por grandes distâncias é vetada. Em boa parte dos casos, porém, estas recomendações não são seguidas.

Os apertos sofridos pela população em locais tão secos podem ser ainda mais comuns nas próximas décadas. De acordo com os prognósticos do Pa-

nel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, o período de estiagem crescerá na segunda metade deste século. O quanto, ninguém sabe. Mas as precipitações de outubro, que abrem a estação de chuvas e jogam a umidade para cima, virão cada vez mais tarde.

— O fenômeno que ocorre agora no centro do país é comum — ressalta o climatologista Giovani Sampaio, pesquisador do Centro de Ciências do Sistema Terrestre do Inpe. — Esta região do país, que vai do sul do Paraná ao sul do Pará e de estados nordestinos, é marcada por uma estação seca, com inverno não muito frio, e outra chuvosa, durante o verão. Mas estudos indicam que o desmatamento e o aquecimento global prolongariam a estiagem por um período maior da primavera.

A estação chuvosa, por sua vez, teria precipitações mais intensas, embora seu volume continue o mesmo. Esta mudança, já parcialmente visível no centro-sul do país, é capaz de provocar estragos.

— Se as chuvas caem com maior velocidade, o escoamento da água torna-se superficial — lembra. — Sem a absorção necessária, o solo torna-se mais vulnerável a deslizamentos de encostas e à erosão.

Frente fria aumentou formação de nuvens

• Enquanto o prolongamento do período de seca é uma previsão destinada às próximas décadas, setembro ainda é visto como um mês de transição. Sua primeira quinzena é marcada pelos baixíssimos índices de umidade.

A área em estado de alerta — com umidade abaixo de 30% — ainda era significativa ontem: abrangia do sudeste do Pará e Maranhão ao Mato Grosso do Sul e Paraná, passando por trechos de Piauí, Ceará, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Bahia, Minas e São Paulo. Nos próximos dias, contudo, o pano-

rama será outro, segundo meteorologistas do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC-Inpe).

Ontem já foram registradas pancadas isoladas no centro e sudoeste de Goiás e em parte do Mato Grosso — cessando, em algumas cidades, um jejum de até três meses sem chuvas.

O fenômeno responsável pelo abrandamento da estiagem foi uma frente fria vinda do Atlântico.

— A estiagem é provocada por um sistema de alta pressão, que faz o ar descer dos altos níveis da atmosfera para a superfície — explica o meteorologista José Felipe Farias. — A formação de nuvens, assim, é inibida, e as temperaturas sobem. A massa de ar seco torna-se muito intensa e bloqueia a passagem de outros sistemas, que desviam seu caminho para o oceano, em vez de seguir pelo continente. Agora, no entanto, veio uma frente fria, que juntou-se a um canal de umidade. A nebulosidade aumentou e, enfim, houve queda na temperatura.